2.ª SERIE. TOMO I.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 12. QUINTA FEIRA, 27 DE DEZEMBRO DE 1849. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

SOCIEDADE AGRICOLA E EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL NA ILHA DA MADEIRA.

160 Uma das causas da nossa decadencia foram os muitos erros administrativos, com que perdemos quanta riqueza possuiamos fóra do continente do reino. Essas joias preciosas offerecidas aos antigos reis de Portugal, pelos mais intrepidos e ousados portuguezes — e que nos extenderam o dominio para além dos limites do continente — foram depois tão mal cuidadas, que perderam quasi toda a sua grande valia.

Quando advogamos os interesses physicos e moraes da nossa terra — não nos lembramos só do continente, e desejamos que todos os nossos irmãos, como nação, conheçam que o governo os não esquece. São estes os motivos porque hoje dedicamos este artigo aos interesses da Ilha da Madeira, perfeitamente comprehendidos pelo seu actual governador civil, o Sr. Conselheiro José Silvestre Ribeiro. Não é a primeira vez que o nome deste distincto magistrado administrativo se escreve com louvor nas paginas da REVISTA. Era para lamentar que depois da Ilha de S. Miguel ter organisado a sua tão acreditada Sociedade de Agricultura, e depois de haver começado as suas Exposições Industriaes, a Ilha da Madeira não visse inaugurar, no seu territorio, estes dois fecundissimos principios de civilisação. Coube ao Sr. Silvestre Ribeiro a honra de, ao mesmo tempo, dotar o seu districto com tão poderosos recursos.

A 21 de Novembro, no Palacio do Governo, houve a mais brilhante reunião que tem sido vista pelos madeirenses. O fim de tal reunião era inaugurar uma Sociedade Agricola: é muito para notar que foi grande a concorrencia de cavalheiros inglezes. Por convite do Sr. Governador Civil assistiu a este solemne acto S. A. Imperial o Duque de Leuchtenberg. Consta-nos que S. A. Imperial fóra recebido pelo Sr. Silvestre Ribeiro com as honras que lhe eram devidas. Tendo o Duque manifestado os maiores desejos de proteger a nascente associação, foi esta inaugurada tendo os cavalheiros reunidos correspondido á benignidade de S. A. I., convidando-o para seu protector. A parte honrosa, que alguns estrangeiros tomaram neste facto, póde ser de proveito para a associação, porque, em relação a instrumentos agricolas e creação de gados, muitos serviços pódem prestar á Sociedade os inglezes que são seus socios. Lavrada a competente acta da instalação, assignada tambem pelo Duque de Leuchtenberg, nomeou-se uma commissão para organisar os estatutos.

Tendo o Sr. Silvestre Ribeiro fundado por este modo a — Sociedade Agricola do Funchal, tractou de cuidar em uma Exposição industrial.

Para rematarmos o nosso louvor e mostrar a intelligencia e zelo com que este Governador Civil procura o desenvolvimento dos interesses reaes do seu districto, ao diante publicamos o importante documento, que se refere á Exposição industrial.

O GOVERNADOR CIVIL DO DISTRICTO DO FUNCHAL ETC.

Tendo o Governo de Sua Magestade approvado a resolução que tomei de promover uma « Exposição de Industria Madeirense » nos termos da allocução que dirigi aos habitantes desta Ilha, em data de 23 *de Setembro ultimo*, distribuida em todos os concelhos, e publicada no « Correio da Madeira » n.º 41 de 10 do corrente mez:

E encarregando-me outro sim o Governo, em Portaria do Ministerio do Reino, de 27 de Outubro ultimo, de formular instrucções, que regulem a classificação e ordem que se deve seguir na exposição industrial, e de enviar em tempo opportuno áquelle Ministerio um relatorio, em que minuciosamente se descreva a naturesa dos productos appresentados, e o grão de merecimento relativo, para tudo ser apreciado devidamente por Sua Magestade, a Rainha:

Tenho por conveniente fazer publico o seguinte:

1.º — Foi nomeada por mim uma commissão, que tem por incumbencia intender-se com todos os fabricantes, artistas, proprietarios de officinas, agricultores, e curiosos de ambos os sexos do Funchal e de todos os concelhos da Ilha da Madeira, no sentido de os convidar a concorrer á exposição com os productos da sua industria, e engenho, e de prestar todos os esclarecimentos e informações que os concorrentes possam desejar.

Esta commissão é composta dos cidadãos:
Servulo Drummond de Menezes.
José Leão Drummond Cavalleiro.
Severiano Alberto de Freitas Ferraz.

2.° — A exposição dos productos da Industria Madeirense terá logar nas salas do Palacio de S. Lourenço, e será aberta ao publico no dia 1.° de Abril do anno proximo futuro, continuando nos dois dias seguintes.

A Exposição durará em cada um dos tres dias desde as dez horas da manhã até ás quatro da tarde. —

3.° — As pessoas que concorrerem com productos, á Exposição, devem entregal-os á commissão de que tracta o art. 1.°, desde o dia 15 de março até ao dia 27 do mesmo mez — no referido Palacio de S. Lourenço.

A commissão passará recibo dos objectos que receber, com todas as declarações que os appresentantes requererem.

4.° — Adopta-se a seguinte clausula estabelecida para a Exposição da industria que ultimamente teve logar em Lisboa:

« Será permittido aos proprietarios de quaesquer « productos appresentados, ou a pessoas que para isso « elles queiram nomear, o fazer durante a Exposição « quaesquer explicações que julgarem convenientes, « relativas aos respectivos productos; podendo para « isso os mesmos proprietarios, ou as referidas pes- « soas permanecer junto dos objectos, que lhes dizem « respeito, ou virem quando quizerem ao local da « Exposição, para fazerem aquellas explicações. »

5.° — Será permittido aos proprietarios de quaesquer productos, appresentados na exposição, vendel-os pelo preço que lhes fizer conta, ou dispôr delles do modo que lhes apraza; devendo todavia esses productos permanecer na Exposição em quanto esta durar.

6.° — A fim de que a Commissão, de que tracta o artigo 1.°, possa classificar e dispor methodicamente os productoc appresentados; e até mesmo para que os madeirenses possam conhecer a variedade de artigos que se admittem na Exposição:

Tenho por conveniente lançar aqui uma relação dos differentes grupos industriaes, em que a Madeira poderá talvez appresentar productos e artefactos de algum merecimento:

Tecidos de lã, de seda, de linho, e de algodão.
Obras de ourives.
Fabrico de chapeos.
Productos fabris.
Productos chimicos.
Esculptura (em jaspe, em marmore, em madeira, em gesso.)
Dezenho, pintura e lithographia.
Trabalhos typographicos.
Obras de encadernador.
Engenhos e maquinas.
Instrumentos de musica.
Instrumentos agrarios.
Productos agricolas, e de jardinagem.
Louça.
Obras de marcenaria.
Obras de ferreiro e de serralheiro.
Obras de folha branca e de ferro.
Obras de palha, de vime, e de verga de giesta.
Obras de cera,
Flores e fructos artificiaes.
Bordados e lavores.
Obras de cabello.
Curiosidades.

7.° — Será opportunamente nomeado um jury, composto de pessoas competentes por seus conhecimentos industriaes, para examinar os productos que se appresentarem, e dar o seu parecer sobre o merecimento dos mesmos.

Este parecer será communicado ao Governo de Sua Magestade, e além disso publicado pela Imprensa.

8.° — Serão dadas doze medalhas de prata ás pessoas que appresentarem productos, que revelarem grande talento, e forem de interesse visivel para a Industria e Commercio da Madeira.

9.° — Successivamente irão sendo dadas outras quaesquer instrucções, ou publicadas as noticias e esclarecimentos que pareçam indispensaveis.

Terminarei pedindo aos madeirenses de todas as condições, e sexos, quer exercitem profissões, quer sejam meramente curiosos, que se prestem a auxiliar-me nesta empreza de civilisação. Qualquer pessoa que se sentir com engenho para appresentar productos, artefactos, e quaesquer objectos, que possam demonstrar o desenvolvimento da Industria Madeirense, deve affoitamente concorrer com elles á Exposição.

É mister que se possuam todos da utilidade que nos resultará de fazermos a Exposição de que se tracta, a qual será um como inventario da Industria, um como inquerito do estado de adiantamento dos madeirenses. — Da Exposição póde provir o conhecimento da necessidade de animar taes e taes ramos de Industria, de sollicitar do Governo, ou das Côrtes, determinadas providencias tendentes a desenvolver a mesma Industria, e a promover a prosperidade desta possessão portugueza.

É mister, em tudo, dar principio ás coisas, e mal irá quem aspirar logo no começo a attingir a perfeição. Este primeiro ensaio da Industria Madeirense ha de ser necessariamente modesto, e apoucado, mas já o segundo, e os que se lhe seguirem, hão de ter o cunho do progresso, até que a final o tempo trará um periodo brilhante, como tem succedido a todos os povos mais adiantados em civilisação.

Os proprios estrangeiros, que assistirem á nossa Exposição, embora pertençam a nações onde a Industria opera hoje maravilhas, não olharão com desdem para os nossos primeiros esforços, antes pelo contrario os animarão com uma generosa indulgencia, folgando de ver que tambem um pequeno povo pertende entrar no caminho do verdadeiro progresso.

Palacio do Governo Civil do Funchal, 23 de Novembro de 1849.

José Silvestre Ribeiro.

INSTRUCÇÕES QUE SE DEVEM OBSERVAR NA COMPRA DE UM CAVALLO, JUMENTO OU MUAR.

161 Se o animal que se pertende comprar estiver dentro da cavallariça, a primeira coisa que o comprador deverá fazer quando nella entrar é examinar a sua attitude: será sempre um signal de bom agoiro se elle estiver posicionado naturalmente sobre os quatro pés, ou se tomar esta posição ao menor ruido, com tanto que o vendedor não tenha de antemão despertado a sua attenção com algum grito, assobio, chicotada, etc.: (1) em seguimento observará se a physionomia é alegre e o olhar expressivo: fará depois tiral-o do seu logar e detel-o a alguns passos distante da porta para começar o exame das partes mais essenciaes da cabeça, o que effectuará da seguinte maneira. Investigará; 1.° *os olhos* que devem ser de uma grandeza proporcional ao volume da cabeça, vivos, transparentes, bem rasgados, proeminentes e de egual dimensão; condusindo-o para diante, mas vagarosamente, notará se á medida que a luz se vae tornando mais intensa e clara, a abertura pupillar (vulgarmente chamada a menina do olho) vae gradativamente contraindo-se, isto é, diminuindo de diametro: o movimento inverso patenteará na obscuridade, quer dizer, ha de gradualmense dilatar-se. É este o mais certo e infallivel indicio da falta de lesão no orgam ocular. (2)

Se porém a compra se faz em campo livre, nas feiras por exemplo, onde nem sempre é possivel dispor de um local escuro, o comprador tapará com uma de suas mãos, por alguns momentos, um olho ao animal, e depois retirando-a subitamente verá se se opera a contracção pupillar.

2.° *Aganacha.* — Espaço quasi triangular situado na parte posterior da cabeça entre os dois lados do queixo inferior. Convem que esta região seja larga, lisa e ligeiramente profunda, do que se certificará o comprador apalpando-a. Se estiver entumescida e com as glandulas enfartadas e adherentes, deverá regeitar o animal ainda que a tumefacção seja indolente e pouco consideravel, porque quasi sempre coincide com doenças muitissimo graves, taes como o *mormo*, por exemplo.

No caso de que o vendedor diga, que é bem verdade existir o enfarto glandular, mas que não purgando já o animal pelas ventas, e que não sendo aquella entumescencia mais do que o mero resultado da molestia primitiva, de que está curado, que por si mesma vem a desapparecer, e que não vê por tanto motivo assás plausivel, que impeça a realisação da venda; apezar desta confissão puramente astuciosa e seductora, o comprador recusará ficar com elle, sob pena, de lhe vêr rebentar passados dias alguma purgação de máu caracter, que natural ou artificiosamente estiver abafada. (3)

3.° *As ventas.* — Orificios exteriores dos orgãos da respiração. Devem estas partes ser, 1.° espaçosas e bem abertas a fim de que o ar indispensavel á funcção respiratoria não soffra impedimento ao seu accesso nas cavidades nasaes; 2.° a membrana mucosa que as veste internamente, deve exhibir uma côr rosada e estar humedecida por um fluido viscoso, pouco abundante, claro e limpido: todas as vezes que a côr variar assim como a natureza e propriedades do liquido secretado, o comprador desconfiará logo do animal, porque quasi sempre estas variações morbosas coexistem com doenças em extremo rebeldes, como são — a *corisa* ou *purgação chronica* — a *esquinencia* — a *papeira* ou *gurma* — *certas affecções do peito;* 3.° finalmente o comprador, examinará com escrupulosa attenção o interior das cavidades nasaes até onde a sua vista possa alcançar: — se perceber a existencia de — *chagas*, *errosões* e de certos productos morbidos conhecidos na sciencia pela denominação de — *polipos*, e na linguagem dos alquiladores pelo nome de — *esponjas*, regeitará sem mais exame o animal; isto, porque as duas primeiras circumstancias acompanham o mormo ou a corisa chronica, que facilmente degenera

(1) Com effeito, costumam muitas vezes os alquiladores recorrerem a esta manobra fraudulenta com o unico fim de constranger o animal, quando estropiado, a collocar-se o melhor possivel, o que este faz com temor de vêr repetidos os máus tratos, que o tem ensinado a affectar uma posição que lhe é então sobejamente incommoda, posição que abandona, logo que se julga fóra da terrivel influencia do seu dono.

(2) Em França os alquiladores conservam sempre muito bem caiados os muros que estão defronte e aos lados da cavallariça para enganarem o comprador. Effectivamente, a — physica — diz-nos que a côr branca tem a propriedade de reflectir os raios luminosos e envial-os na mesma proporção em que os recebe; por consequencia, quando o animal se appresenta ante estas superficies de extrema alvura, experimenta um deslumbramento tanto maior quanto o dia é mais claro, ou que o sol dardejar os seus raios com mais intensidade: a menos que os olhos não estejam completamente paralysados, por muito fraca que seja a vista; o brilho da luz, surpreendendo a *retina* (membrana do olho onde se gravam as imagens dos corpos), a affectará dolorosamente, e as outras suas partes componentes postas em acção, por tão poderoso estimulo, simularão ao comprador, que ignorar esta fraude, uma integridade real quando é só apparente, pois que já existe a cegueira, resultado da — *gota serena*, *fluxão lunatica*, de molestias ordinariamente incuraveis e algumas vezes occultas.

Não nos consta que os nossos contractadores de cavallos usem, como os francezes, caiar os muros fronteiros e lateraes á cavallariça na intenção de occultar ao comprador algum defeito visual; o que porém fazem é borral-os de preto quando tem para vender um animal em extremo espantadiço. Todos nós sabemos, por experiencia propria, que para a visão de um cavallo timido se pertubar é bastante uma leve impressão; ora, se em vez da côr negra, que tem a faculdade de absorver a luz, subsistisse nas paredes a branca que a reflecte, é evidente, que excitando os seus raios vivamente o olho do animal, o impelliriam a revelar o seu espirito temeroso, que é o mesmo que dizer, que seria regeitado pelo comprador.

(3) Dentre os poucos meios de que se servem os nossos *ciganos* para obstar temporariamente á regeição pelos nasaes da materia purulenta, merece especial menção o da — *esponja*. Pegam n'um pedaço desta substancia e introduzem n'o na cavidade do nariz por onde o animal purga, de modo que fique occupando a parte superior. Compreende-se de prompto que sendo a esponja um corpo eminentemente poroso, ha de impregnar-se do pús que caminhar de cima para baixo dentro do nariz, e oppôr-se, por consequencia á sua sahida, até que haja tocado o maximo de sua impregnação. Descobre-se esta artimanha; 1.° olhando attentamente para o interior das aberturas nariticas no momento em que forem inspeccionadas; 2.° batendo com os nós dos dedos na testa do animal — se tiver a esponja, ha de mostrar-se muito sensivel á percussão e deixar ouvir um som maciço; 3.° finalmente, comprimindo-lhe a garganta para obrigal-o a tossir — com o esforço que então faz facilmente expelle aquelle corpo.

naquelle, e a terceira, por ser uma das causas que mais commummente produz o — *sibilochronico*, molestia da cathegoria das redhibitorias.

4.ª *A bocca.* — Como seja nosso proposito na formação deste artigo guiarmos o comprador na escolha de algum dos animaes já referidos, sem todavia nos importar o destino a que depois da compra tenciona sugeital-o, o que talvez para nós seja tarefa ulterior; por isso não nos demoraremos na apreciação das differentes partes que compõe aquella importante cavidade, que, aliás, consideradas com relação á *embocadura* offerecem um subido interesse, estas partes são os *labios*, a *lingua*, o *canal maxillar* ou o *canal da bocca*, as *barras*, os *dentes* e o *padar*.

1.º *Os labios.* — A pendencia destes orgãos é na maioria dos casos symptomas de enfermidades graves e de longa duração, e sempre um forte embaraço para sustentação da animal; porque sendo os beiços nos solipedes, os instrumentos incumbidos da prehensão de substancias nutrientes, é claro, que naquelle estado não podem exercer este acto preliminar da funcção digestiva.

2.º *A lingua.* — Não é pouco vulgar vêr em alguns cavallos a lingua pender fóra da bocca, e n'outros em que entra e sae alternativamente desta cavidade. Este ultimo vicio, denomina-se lingua *serpentina*.

Qualquer dos dois defeitos é prejudicialissimo ao animal, porque promovendo, ambos um desperdicio continuo de saliva e dessecamento de bocca, muito difficultam o bom resultado da digestão.

Tambem apparece muitas vezes a lingua com perda de substancia, isto é, cortada, imperfeição, que depende geralmente da inexperiencia ou da inhabilidade de muitos cavalleiros no modo como prendem os animaes.

O comprador abrindo ou mandando abrir a bocca observará o estado daquelle orgam; se mostrar incisão consideravel despresará o animal, porque sendo a lingua um dos principaes agentes da mastigação, a sua falta neste exercicio é altamente nociva á vida do animal.

Um cavallo, vimos nós, a quem havia sido cortada a lingua, morrer n'um estado inteiramente marasmodico.

3.º *O canal da bocca.* — Espaço que deixam entre si e anteriormente as duas metades do queixo inferior. Esta parte que deve ter a necessaria capacidade para alojar a lingua, appresenta no seu fundo duas saliencias naturaes em fórma de barbatana, conhecidas trivialmente pela denominação de — *barbas* ou *barbellões* — e que não são outra coisa mais do que os orificios dos ductos excretorios das glandulas maxillares.

Ao comprador, a quem na occasião da compra não deve impressionar a existencia destes dois corpos, cumpre depois evitar que sejam extrahidos pelo ferrador, pois que este usa na sua cega rutina cortar os barbellões, por pensar que impossibitam o animal de beber e o forçam a *padejar* como elle diz, o que é um crassissimo e perigoso erro.

4.º *As barras ou os assentos do freio.* Intervallo desguarnecido de dentes que se nota na maxilla inferior entre o primeiro dente *molar* e o *colmilho* no cavallo, e na egua entre este primeiro molar e o dente *canto* incisivo. É sobre esta região que o freio faz o seu principal ponto de apoio e obra com mais efficacia pelo facto della ser dotada de grande sensibilidade. Se as barras se apresentarem muito callosas é signal de antigas contusões e de feridas occasionadas ou por *bocados* mal trabalhados, ou pela excessiva dureza da mão do cavalleiro; feridas estas, que se forem renovadas pela mesma causa que as produziu não só difficilmente saram, mas pódem acommettendo o osso, carial-o, donde resultam fistulas de uma cura incerta e prolongada.

Suppondo mesmo que se combatam com vantagem os trajectos fistulosos, as parcellas osseas, que tem cahido pela exfoliação, deixam depressões, irregularisam as barras; as cicatrizes endurecem, a susceptibilidade decresse, o apoio do freio falseia, e a bocca torna-se *dura* como se diz em equitação.

5.º *Os dentes.* — É um facto que uma parte da gente que negoceia em cavallos conhece, ainda que empiricamente, a edade destes soberbos quadrupedes até aos 8 annos, e que a outra parte não possue mesmo a mais ligeira noção sobre este objecto: ora, para que o comprador pudesse discriminar as fraudes, de que lhe vamos fazer menção, que os traficantes praticam sobre tudo nos dentes do cavallo com o fim de fazer com que este pareça, ora mais velho, ora mais novo, e poder-se além disso assignalar a edade em que o mesmo bruto está mais do que nunca habilitado para exercer qualquer dos diversos misteres, a que o homem de ordinario o submette, era absolutamente preciso que tivesse um previo e cabal conhecimento das bases scientificas em que assenta a theoria da edade dos monodactylos domesticos.

Sentimos não nos ser possivel reduzir, quando mais não fosse a principios geraes, o que hoje se sabe em medicina veterinaria, ácerca da edade do cavallo, e suas especies, mesmo porque tal idéa custosamente se casaria com os estreitos limites que nos imposemos escrevendo este artigo: aos leitores que por ventura sympatisarem com o assumpto aconselhamos-lhes que leiam uma obra tradusida do francez pelo Sr. Dr. Vianna de Resende, e que por ahi corre com o titulo de *Zooselikiologia Veterinaria*, onde vem expendida summariamente a edade dos animaes domesticos.

Quando o cavallo chega entre nós, geralmente fallando, aos 5 annos é quando está de preferencia a outra época mais apto para prestar todo o genero de serviço.

De feito seus orgãos tem então attingido o maximo desinvolvimento de que são susceptiveis; elle desfructa uma grande energia: os seus movimentos são rapidos e desembaraçados; as suas faculdades muito numerosas e aperfeiçoadas; n'uma palavra, é neste periodo da vida que o cavallo se manifesta mais propenso á dura escravidão que o homem tão cruelmente lhe soube impôr.

Em geral os alquiladores tem sempre muito empenho, em que os seus cavallos pareçam estar proximos da edade adulta, por ser nesta quadra em que o seu valor é mais alto e superior.

Se são muito novos, arrancam-lhes os dentes incisivos *cantos* e *medios caducos*, fazendo por este modo com que seja mais prematura a sahida dos *permanentes* dos seus respectivos *alveolos*, de sorte que um cavallo não conta ainda 4 annos e meio e já tem todos os seus dentes de *substituição*, isto é, figura perfeitamente estar na passagem dos 5 para os 6 annos.

Se ao contrario são muito velhos, ou marcam de 9 até 12 annos, abrem-lhes com o buril um buraco no centro da meza dentaria, que, ou cauterisam com um ferro em brasa, ou queimam no seu interior um grão de centeio tudo para o denegrirem, e imitar a fossa natural, ou o chamado em alveitaria *olho de fava*, que por effeito da edade avançada ha então desapparecido.

Muitos vendedores nem se quer se dão ao trabalho de ennegrecer a cavidade ficticia; contentam-se em metter na boca do animal na occasião em que o vão vender, e depois de enfreado, uma mão-cheia de sal ordinario, porque suppõe, e suppõe bem, que este corpo desafiando alli com a sua presença a estimulação sufficiente para fazer affluir a saliva em grande copia, compelle o cavallo a salivar, e mecanicamente obsta a que o comprador reconheça o citado dolo.

6.° *O padar ou o céu da boca.* O tecido carnoso que forra esta parte da boca é naturalmente mais espesso na sua parte inferior e junto da face interna dos dentes incisivos superiores que no resto da sua extensão.

Succede que esta espessura com a irrupção dos dentes incisores substituintes e dos colmilhos, cresce a ponto de formar uma excrescencia a que o vulgo chama *fava* ou *callo da mama*, excrescencia, do tamanho de uma avelã, que tolhe que o cavallo coma por algum tempo alimentos duros e fibrosos.

A fava assim como o que alcunham de *boca cheia* não devem assustar o comprador, porque facilmente se dissipam com golpes de lanceta ou de bisturí, e com simples lavatorios adstringentes.

O que porém nenhum possuidor de cavallos deverá consentir é que estes dois achaques sejam destruidos por algumas das muitas praticas absurdas que exercem os ferradores, como são a cauterisação a quente feita com uma lamina de ferro em fórma de fouce ou de gancho, o perfuramento executado com a ponta de um prego, cravo, etc. isto pelos serios accidentes que pódem provir.

De resto, o comprador pegará nas redeas, junto do freio, e fará recuar o animal; se este obedecer ao recuo, sem hesitação, é presagio favoravel, porém se se especar nos membros posteriores, não querendo executar aquella andadura, nem mesmo á força de castigos, e tiver juntamente as palpebras meio cerradas, a cabeça baixa, e as orelhas inclinadas para traz, póde prescindir da compra, porque bastam estes symptomas para caracterisar a *vertigem chronica*, uma das muitas lesões que inutilisam o cavallo.

Os alquiladores, a que chamam de segunda ordem, verdadeiros embusteiros, costumados a tirar partido de toda a casta de traficancia, usam, no caso de existir aquelle padecimento, dissolver 10 réis de pimenta moida em coisa de meio quartilho de agua-ardente e verter este mixto irritante nas orelhas do pobre animal, com o fim, dizem elles, de embriagal-o e esconder o mal.

Nesta fraude, como em outras de egual jaez, que iremos apontando, são bem pouco felizes, porque julgando encobrir a *vertigem* melhor a descortinam. E de certo, a não ser o poder então recuar o animal, os dois penultimos symptomas se exacerbam consideravelmente: as orelhas pendem para diante, agitam-se alternadamente, e apparecem novos caracteres, como são, a marcha vacillante, os vazos da face injectados, etc. etc., signaes de sobejo, que advertem o comprador, ainda o mais incauto e desprivinido, da reprehensivel e atroz barbaridade do traficante a quem uma lei devia severamente punir.

Lisboa, 18 de setembro de 1849.

JOSÉ MARIA TEIXEIRA.
Lente Substituto da Eschola Vetirinaria.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

UM ANNO NA CORTE.

CAPITULO VII.

Los privilegios de las mugeres.

162 El-Rei, quando deixou a Rainha no quarto com as damas, foi direito á sua antecamara, onde o estavam esperando o Conde de Castello-Melhor, e alguns dos criados que ordinariamente se empregavam no seu serviço.

Affonso VI, logo que entrou, lançou-se sobre uma cadeira, e exclamou, dirigindo-se ao seu favorito:

— Conde! Conde! que hei de fazer, Conde? Que posso eu fazer agora, Castello-Melhor?

— V. M. pelo principio da etiqueta... — disse o Conde.

— Não me fallem agora em etiqueta! Cançado estou eu della. Todo o dia; é de mais! — bradou El-Rei. — Manuel Antunes, dá-me um cachimbo bem cheio de tabaco; traz-m'o accezo, que estou morrendo por fumar.

Manuel Antunes, criado muito querido de Affonso VI, que era notavel por ter um olho branco e o outro preto, appresentou um cachimbo de barro a Sua Magestade, que se poz a fumar com avidez. Depois de longo silencio, El-Rei, com um meio sorriso que apenas lhe animava a desconsolada physionomia, disse ao Castello-Melhor:

— A *brichota* (*) é bonita; não é assim, Conde?

— Não sei de quem V. M. quer fallar; por isso...

— Da Rainha; é da Rainha que fallo.

— Sua Magestade é um anjo formossimo — respondeu o Conde.

— Formossimo! Não sejas lisongeiro. Não é feia: mas aquella cabeça não foi feita para aquelle

(*) Nome que por zombaria se dava aos estrangeiros.

corpo; é grande de mais. — El-Rei, depois de dar uma estrondosa gargalhada, proseguiu: — Não sei de véras, Conde, não sei o que hei de fazer. Voltar para ao pé della, não volto eu hoje; porque...

O Conde interrompeu Sua Magestade.

— Permitta V. M. que lhe communique alguns negocios importantes...

— Negocios! Já outra vez negocios! Mal acabei de fumar! — Manuel Antunes outro cachimbo; e traz-me de cear.

— V. M. — accrescentou o Castello-Melhor — ha de fazer-me a graça de me attender um instante..,

— Pois sim, sim, Conde. Diz o que queres; aqui estou para te ouvir.

O Conde voltou-se para os criados dizendo:

— Tenho que fallar de negocios secretos a Sua Magestade.

— Olhem! — disse El-Rei aos criados que íam saindo, — em a cêa estando prompta, tragam-m'a logo. — Henrique Henriquez, vae-me buscar Margarida. Não está aqui?

— Espera pelas ordens de V. M. — respondeu curvando-se Henrique Henriquez.

Os criados sairam todos; e o Conde de Castello-Melhor ficou só com El-Rei.

— Real Senhor, V. M. bem sabe, — começou o Conde — conhece sem duvida as vantagens que traz aos seus reinos a alliança de França. Não queira V. M. fazer agora com que este casamento, que a nação toda festejou como o começo de uma nova era de felicidade; se torne a origem de grandes males para todos nós.

— Que quer isso dizer, Conde? Que significam essas palavras?

— A união da Rainha, minha senhora, com V. M. deve ser intima... — respondeu o favorito.

— Mas... tu sabes... Bem vês que lhe não posso dizer... — interrompeu El-Rei pondo-se de pé.

— Que tem V. M. que lhe dizer? — atalhou o Conde. — A nação espera deste casamento um herdeiro para a corôa, e um defensor para a sua independencia.

— Não te dizia eu, Conde, que me não queria cazar! — exclamou Affonso VI.

— V. M. não podia deixar de escolher para esposa, uma das princezas de França. A politica assim o exigia. Além de que — accrescentou o Castello-Melhor — o reino não podia ficar mais tempo sem Principe. — V. M. que Deus nos conserve por muitos annos, póde desgraçadamente morrer: Sua Alteza, tambem nós podemos ter a desventura de o perder; e nesse caso, a corôa voltaria para as mãos dos reis de Castella.

Mas... — tu bem n'o sabes, Conde — eu não posso dar ao reino, o que elle espera de mim.

— Publicar uma similhante coisa seria entregar a corôa nas mãos do Sr. Infante — acudiu o Conde, com a voz alterada. — E V. M...

— Não quero, não hei de largar a corôa...

— Nem Deus permitta que o queira! — accrescentou o favorito.

— Mas dizer-lh'o a ella, é dizel-o a todos. Saber-se-ha...

— Sua Magestade a Rainha, minha senhora, ha de querer tambem conservar a corôa, que veio buscar de tão longe.

Affonso VI, — sem responder, poz-se a andar lentamente pelo quarto; — depois pegou em um cachimbo que estava em cima de uma meza, accendeu-o, e deixou-o cahir: parou duas ou tres vezes diante do Conde, como se fosse para fallar, e depois proseguiu no seu lento passeio, arrastando sempre a perna direita, quasi paralisada: finalmente voltou-se para o Conde, e, com uma voz que exprimia a oscilação de um homem fraco, que hesita sempre nos raciocinios que faz e nas acções que ousa emprehender, disse:

— Tenho estado a scismar, Conde, para vêr se descubro o motivo porque meu irmão recusa cazar; e não posso atinar com elle.

— V. M. quer que eu lhe diga sinceramente o que penso a esse respeito? — perguntou o Castello Melhor.

— Dize, dize a verdade — respondeu El-Rei deixando cahir o corpo extraordinariamente gordo, sobre uma cadeira de espaldas.

— Sua Alteza — disse o favorito, — aconselhado por D. Rodrigo de Menezes, tem a esperança — obedecerei a V. M. dizendo-lhe a verdade inteira — tem a esperança de ser ainda rei de Portugal. Sua Alteza sabe que V. M... não póde dar um herdeiro á corôa. — Não se tem Sua Alteza illudido com as apparencias. O Menezes não é tão facil de persuadir como o povo. — O Sr. Infante, não se tem querido cazar, porque dezeja que a nação perca a esperança... de ver augmentada a familia real. Espera por essa occasião desgraçada, para poder exigir que se convoquem as côrtes, que o acclamem Principe, e talvez...

— E talvez rei! — bradou D. Affonso.

— Sua Alteza odeia-me profundamente: e eu não sei, não me accusa a consciencia de lhe ter dado motivo...

— É por me teres servido com fidelidade; é por isso, que elle te odeia, meu Conde.

— Sua Alteza despediu hontem meu irmão do seu serviço; e ameaçou-o...

— Quer só criados que o ajudem nas suas conspirações? Pois não os ha de ter; não lhe hei de dar os criados que elle me pede — clamou El-Rei dando com o punho sobre um bofete.

— Perdoe-me, V. M., não me parece conveniente nesta occasião ir contra os dezejos do Sr. Infante. — Será bom que a Rainha, minha Senhora, não perceba as desgraçadas desinteligencias que separam dois principes, que por tantas rasões se deviam amar.

— Mas os gentis-homens que me elle pede — interrompeu El-Rei — são todos inimigos teus, Conde.

— É verdade, Real Senhor — disse o Conde: — porém com a protecção de V. M. havemos de resistir ás intrigas de D. Rodrigo.

— O Conde da Torre, que elle quer para o seu serviço — atalhou El-Rei — era tambem da briga do jogo da pélla, não é assim?

— Peço a V. M. que se não recorde de uma coisa tão desagradavel para todos nós...

— Mas responde-me — interrompeu Affonso VI. — Tenho idéa, de que o Conde da Torre tambem estava no jogo da pélla, quando tu, só, desafiaste uns poucos de fidalgos.

— Estava, Senhor. O Conde e D. Rodrigo de Menezes tomaram parte nessa triste pendencia, em que eu tive a desgraça de matar o Conde de Vimiozo.

— Porque foi, Conde; que razão houve para essa briga?

— Peço perdão a V. M. — respondeu o favorito com voz suffocada — esqueci-me de tudo isso durante as minhas viagens pela Italia: e creio que todos se esqueceram, como eu me esqueci.

— Elles não se esqueceram ainda: e é por isso que meu irmão os escolheu para seus gentis-homens.

— Não importa. O Sr. Infante não me honra com o seu favor; mas apezar disso, o meu dever é supplicar a V. M. que attenda ás pertenções de Sua Alteza, sempre que eu julgar que ellas não offendem os interesses de V. M.

— Não fallemos mais nisso agora, Conde. Quero cear, que tenho muito apetite. Vae dizer que me tragam a cêa já.

— V. M. vae depois de cêa fazer companhia á Rainha, minha Senhora? — perguntou o Conde com interesse, antes de sair para cumprir a ordem de El-Rei.

O Conde tinha grande empenho em que Affonso VI se alliasse estreitamente com sua real espoza; porque suppunha por este modo assentar o seu poder sobre uma base segura, visto ter elle sido quem principalmente contribuíra para se fazer aquelle casamento. Esperou com anciedade a resposta de El-Rei: e ficou pouco satisfeito quando este, em vez de lhe responder, lhe ordenou, outra vez, que mandasse vir a cêa depressa.

Restava ao Conde de Castello-Melhor um ultimo recurso para obter a desejada união entre os dois reaes esposos; era a influencia da Calcanhares sobre o espirito de El-Rei, influencia a que Sua Magestade quasi nunca sabia resistir.

— V. M. quer que D. Margarida entre para esta sala? — perguntou elle.

— Sim, sim: que venha! — exclamou El-Rei. — Estou com saudades de a ver. Que venha depressa.

O Castello-Melhor saíu, saudando profundamente Sua Magestade.

N'uma sala proxima estava a Calcanhares, esperando pelas ordens do seu real amante. O Conde foi ter com ella:

— Margarida — lhe disse elle com tom brando mas de superioridade — é necessario que El-Rei fique esta noite nos quartos da Rainha.

— É necessario... — interrompeu a Calcanhares.

— O quê? — perguntou o Conde.

— Que eu tenha esta noite a liberdade de ir só...

— Aonde?

— Aonde eu quizer.

— Não é possivel...

— Isto não póde continuar por mais tempo assim, Sr. Conde — disse em voz baixa a Calcanhares. — El-Rei está casado: e eu não quero ser eternamente escrava.

— Tem paciencia, Margarida — acudiu o Conde, apertando-lhe affectuosamente a mão: — tem paciencia por mais algum tempo, que te não has de arrepender.

— Eu sou tambem mulher, Sr. Conde — proseguiu Margarida: — sou mulher como as

outras e preciso amar, porque tenho coração.

— Tens muito tempo para ter amores, agora...

— Agora devo ser toda de V. Ex.ª; obedecer-lhe, e não pensar, nem sentir; não é assim? — exclamou a Calcanhares com amargura.

— É por pouco. Vamos; anda. El-Rei espera-te.

— E o que eu lhe pedi, Sr. Conde?

— Será como desejas.

Depois destas palavras, o Conde de Castello-Melhor deixou Margarida, e esta encaminhou-se para a antecamara d'El-Rei.

A Calcanhares estava esplendidamente vestida á hispanhola. Um gibão estreito de téla *rozasecca*, *repassada* de oiro, desenhava com perfeição as suas fórmas elegantes e deixava entrevêr, por entre finas rendas de oiro, um seio formosissimo: uma saia curta de ligeira téla azul idealisava ainda mais essa mulher feiticeira. Os cabellos allevantados em anneis, e sustidos por diamantes, descobriam-lhe a fronte pallida e bem talhada, dando realce á sua belleza portentosa.

El-Rei, que ficára quasi adormecido sobre a cadeira em que se tinha deixado caír, estremeceu e abriu repentinamente os olhos ao ouvir os agudos saltos de páu de Margarida, que tinham dado causa á alcunha de Calcanhares, por que ella era conhecida, retinirem no ladrilho da sala.

— És tu? — perguntou Affonso VI, sem voltar a cabeça; o que era para elle um movimento difficil.

Margarida, sem responder, approximou-se de El-Rei, e, pegando-lhe na cabeça com as duas mãosinhas calçadas n'umas luvas perfumadas de ambar, deu-lhe um beijo na testa.

— Tinha saudades tuas, Margarida! — exclamou El-Rei, puchando-a brandamente para si, e assentando-a sobre os joelhos.

— Tinha saudades tuas! — Dize-me; o que fizeste hoje? Viste a Rainha?

— Não — respondeu a Calcanhares. — Estive algum tempo na Junqueira; mas não a vi. É bonita?

— Bonita! É. Não é feia: mas comparada comtigo...

— É uma formosura, não é assim? — perguntou Margarida sorrindo-se vaidosa, e olhando para um espelho que ficava defronte.

— Comparada comtigo, não ha mulher bella no mundo.

— Como estás lisongeiro, meu pobre rei!

— Digo-te a verdade; tu és a unica mulher que eu posso amar, a unica que tenho amado.

— Agora está V. M. casado; e tem de amar outra mulher.

— Amar a *brichota*? Não; isso não posso eu.

— Amar, não a amarás talvez — disse ella fazendo-lhe uma caricia: — mas has-de fingir que a amas, pelo menos.

— E tens ciumes?

— Tenho, sim.

— Então...

— É indispensavel que eu os tenha. Amo muito a V. M. para lhe pedir coisas que possam prejudicar os interesses do seu reino.

— Bom! Que abnegação heroica!

— Não; não é abnegação, é um devêr.

— Mas tu bem sabes... — accrescentou El-Rei com melancholia.

— Que não tenho direito para ter ciumes...

— Que não te hei-de dar rasão para os ter.

— V. M. não póde avaliar essas coisas.

Neste momento Henrique Henriquez entrou, para participar a El-Rei que a cêa estava servida na sala immediata. A voz de Henrique Henriquez fez estremecer involuntariamente a Calcanhares, que saltou logo dos joelhos d'El-Rei, e correu a esconder a sua perturbação, olhando para o espelho e concertando alguns cabellos que se tinham desarranjado.

A meza d'El-Rei estava allumiada brilhantemente por muitas vellas de cêra branca em castiçaes de prata de bojo. A toalha e os guardanapos eram de linho de Guimarães, guarnecidos de rendas de Flandres: a louça de raminhos com as armas reaes. Diversos fructeiros de prata rendados e doirados, com os celebres pecegos de Chellas, limões, peras, camoesas, etc., alguns pratos doirados com azeitonas d'Elvas, um saleiro, duas garrafas de vidro grosso com vinho, e um ramo de flores, constituiam o ornato da meza real.

El-Rei assentou-se n'uma cadeira alta, e ordenou á Calcanhares que se assentasse ao seu lado n'uma cadeira mais baixa. Os gentis-homens tinham sido dispensados de assistir á cêa; e por isso El-Rei achava-se só com a amante, e Henrique Henriquez, que fazia as vezes de trinchante.

O jantar constava de perús assados, gallinhas recheadas e de *gigotte*, pombos *enredados*, fricacés de peixe, tortas folhadas, fartelejos recheados de manjar-branco, enormes bolos de *rodilha*, confeitos de roza, e alguns doces de fructa servidos em pucaros de barro. Affonso VI comia com tanto excesso, que causava espanto a todos os que lhe assistiam. Naquella noite, Sua Magestade devorou com uma incrivel voracidade: as iguarias que Henrique Henriquez lhe punha no prato desappareciam instantaneamente. Margarida provou apenas de um fartelejo, e uma culher de *perada*.

El-Rei acompanhára a cêa de frequentes libações; e quasi no fim, enternecido talvez pelos effeitos do vinho, voltou-se para a Calcanhares, e pegando-lhe na mão:

— Não comes, Margarida? — disse elle. — Acho-te triste? É por eu estar casado?

— V. M. é feliz! — responden unicamente Margarida.

— Não sou; tu bem sabes que eu não sou feliz. Tenho inimigos, Margarida: invejam-me a minha corôa.

— Que importa que lh'a invejem, se lh'a não podem tirar?

— Olha! — disse El-Rei em voz baixa, para que o não ouvisse Henrique Henriquez — Sabes o que me disse hoje o Castello-Melhor?

— Não.

— Disse-me, que, se eu não tiver filhos, o Infante póde tirar-me a corôa: e tu bem sabes...

— E não disse mais nada, o Conde?

— Disse que era necessario ligar-me com a Rainha; confessar-lhe... a verdade.

— Tem rasão o Conde — concluiu a Calcanhares.

— Mas eu é que não posso dizer...

— Assim é preciso. V. M. não deve, não póde offender a Rainha, minha senhora, logo no dia da sua chegada.

— Então...

— É necessario que vás para juncto della, meu rei — murmurou a Calcanhares, n'um suspiro.

— E és tu quem m'o dizes.

— Estes nossos amores não podiam durar sempre, Affonso. És rei, e eu sou uma pobre rapariga, que nada val.

— Queres deixar-me?

— Se fôres prudente, continuar-te-hei a amar; senão...

— Senão? — perguntou El-Rei ancioso.

— Ir-me-hei metter n'um convento.

— Que queres que eu faça, Margarida?

— Que V. M. volte para o quarto da sua real esposa.

— Vou — disse Affonso VI tristemente — Vou já.

Margarida levantou-se da meza, e pegando na mão do seu amante, conduziu-o até á porta que dava para os quartos da Rainha. Ahi, dando-lhe um beijo, fugiu ligeira, deixando-o só.

El-Rei hesitou um instante; depois, abrindo lentamente a porta, entrou na antecamara de sua real esposa.

JOÃO DE ANDRADE CORVO.

(Continuar-se-ha.)

O MESSIAS.

163 Que novas eras proclama
Este assombroso pregão,
Que a doce esp'rança derrama
Sobre as chagas de Sião!
Que voz fatidica é esta,
Que aos orbes todos attesta,
Em vez da ira... o perdão!

Treme, ao ouvil-a, o universo,
Treme e pára, ouvindo-a, o mar;
Grupa-se o povo disperso,
Sobre os montes, a escutar;
Prostra-se tudo e presente
N'esse brado do Oriente,
Dos céus o brado, a soar.

Não é da morte o presagio,
Não é da discordia o fél,
Da negra peste o contagio,
Com que o fulmina Joel,
Nem o inflexivel castigo,
Que traz, d'involta comsigo,
O canto de Ezechiel!

Não são as vinganças feias,
Que sobre Memphis vazou
A voz terrivel de Oseas,
Nem as pragas, que arrojou
Contra Judá, Jeremias,
Nem os males, que Izaias
A Babylonia fadou.

Não; do raio a chamma viva,
A guerra, a fóme voraz,
A liberdade, captiva
Aos pés do despota audaz...
Já não vem nas prophecias;
Hoje... só dizem — Messias,
Só dizem ao mundo — paz.

Resurja, pois, a innocencia;
Como irmã, ligue-se a grei;
Curve-se a falsa sciencia
Ante a nova e casta lei;
Finde do Cesar o imperio;
Cáia a c'rôa de Tiberio...
Não ha reis ante este rei!

Nasceu. Onde? Em que palacio
Seu berço doirado tem?
Foi nas soberbas do Lacio,
Nos sete montes d'além,
Em Roma, no capitolio,
Sobre as purpuras do Solio,
Ou foi em Jerusalem?

Rubis e marfim, por certo,
As salas lhe juncarão;
Entre aromas do deserto,
Nardo, myrrha e açafrão,
O astro dos patriarchas,
Terá, por servos, monarchas,
E o esplendor de Salomão.

Quem a terra — inteira abala,
Como abalára o Sinai,
Quem desce á terra, a expurgal-a,
Quem o ETERNO tem, por pai,
Só cultos terá dos nobres;
Pois póde o hymno dos pobres
Subir aos pés de Adonai?..

Póde, que foi na humildade,
Tendo um colmo, por docél,
Que a infinita Magestade
Surge aos olhos de Israel;
Dando aos potentes o exemplo,
D'um presepio faz um templo,
Quer, por feudos... leite e mel!

Com alta licção de estrêa
O VERBO celestial:
Calca as gallas da Judêa,
Torna ao rico o pobre egual.
Sendo um rei, vem ser... um homem,
Traga as dores, que o consomem!
Sendo um DEUS, vem ser... mortal!

D'aquella arribana a escolha,
Da christã legislação
Traçou a primeira folha.
Foi a segunda — o perdão,
De Sichar dado á devassa;
A terceira foi a taça
Da amargura, no Cedrão.

Que valem Licurgo ou Numa,
Dos chaldeus o vão saber,
A par da sciencia-summa,
Que a lei assim vem trazer!
O mundo pagão e velho
Mandou «*gozar.*» O Evangelho
Só nos manda «*amar* e *crer.*»

A. P. DA CUNHA.

NO ALBUM DA EXM.ª SR.ª

D. J. G.

164 Eu queria no livro votado á amizade
Á crença sincera, á doce esperança,
De estima profunda, de nobre respeito
Deixar-vos, Senhora, duravel lembrança.

Não queria chamar-vos gentil, nem formosa
Que as graças do corpo c'o tempo se vão,
Mas ficam para sempre, só gelam na campa
Os dotes do espirito, os do coração.

Cercada do affecto de todos os vossos
Sem crua tristeza, sem negros pezares
A vida vos fôra grinalda de rosas
Ou Iris formoso brilhando nos ares.

Mas quer o destino, que a outro hemisferio
Continuo tributo pagueis de affeição,
Que os vossos suspiros dos ventos levados
Só parem contentes no seio do irmão.

Eu quero juntar-me, Senhora, com vosco
Na justa, incessante, profunda saudade.
O irmão que lembrança tão viva vos deixa
Tem largos direitos á minha amizade.

Mandemos-lhe juntos o santo tributo
Da nossa lembrança, de terna affeição
Que os mares lh'o levem tão puro e singelo
Qual sabe sentil-o o meu coração.

A. A. TEIXEIRA DE VASCONCELLOS.

NOTICIAS E COMMERCIO.

ACTOS OFFICIAES.

19 a 24 de Dezembro.

DIARIO N.º 301.

165 Regulamento para a execução das cartas de lei de 22 de agosto de 1848 e 10 de julho de 1849, na qual se ordena que sejam restituidos os direitos de importação, que tiverem pago os tabacos e assucares manipulados neste reino e exportados para os paizes estrangeiros.

Conta da receita e despeza dos varios cofres de Lisboa no mez de julho de 1849 e da applicação que tiveram, no mesmo mez, as sommas postas á disposição do governo. A receita foi de 372:772$340 réis.

DITO N.º 303.

Decreto mandando reorganisar o Real Collegio Militar.

BAZAR.

166 Estão-se fazendo preparativos para que no

dia 1.º de Janeiro proximo futuro, tenha logar no palacio do governo civil da Ilha da Madeira um luzido Bazar em beneficio do Asylo da Mendicidade do Funchal, que o Sr. Conselheiro Governador civil José Silvestre Ribeiro fundou no anno de 1847.

COSTUMES POPULARES.

A festa das mordomas na Ribeira de Niza.

167 Esta festa mui antiga nestes sitios celebra-se no dia 26 de Agosto de cada anno. Nesse dia sahi de Portalegre, onde resido, com um amigo para irmos á freguezia da Ribeira de Niza, onde chegámos passada uma meia hora, o muito. — Depois de descançarmos fomos vêr o local da freguezia que é todo cercado de altas serranias como são as de S. Mamede e Cabeço de Mouro; o terreno de sua origem aspero e pedregozo, está transformado em um jardim delicioso, fructo do trabalho e fadigas de seus habitantes, que são 475 do sexo masculino e 460 do femenino, reunidos em duzentos e vinte e nove fogos, de modo que se não vê um palmo de terra inculto, e até as cristas das montanhas (excepto a de S. Mamede) estão plantadas de castanheiros e espessos soutos bravos donde se colhe boa madeira, que exportam para toda esta provincia e muita della para Hespanha, sendo este o principal ramo de riqueza desta freguezia. A fruta de todas as qualidades, é muita e saborosa, e se leva daqui aos mercados das terras mais populosas da provincia. Observados os arredores, caminhámos para a egreja, que é da invocação da Senhora da Esperança: nas suas proximidades encontrámos bastante gente de ambos os sexos, empregada nos folguedos simples e innocentes da gente do campo. A egreja está situada fóra dos dous grupos de casas, que formam a freguezia, a que chamão, um monte Paleiro, outro monte Carvalho, rodeada de arvoredo: exteriormente não tem aparencia de Templo; o interior é bom e muito aceado: pena é o serem alli ainda feitos os enterramentos, (não admira por que assim acontece em todas as freguezias ruraes deste conselho); ao lado da entrada principal ha uma pequena porta que por um pequeno corredor vae dar a uma especie de claustro, que pela sua configuração bem mostra a antiguidade do edificio, que n'outro tempo foi convento de capuchos, o que bem se depreende do seguinte trecho da Chronica da Provincia da Piedade. «Em 1522, sendo ministro provincial Fr. Francisco de Alcouchel pedio a cidade de Portalegre (então Villa do Bispado da Guarda) uniformemente aos frades da Provincia da Piedade, que lhe aceitassem um convento e que escolhessem sitio á sua vontade: dous religiosos destinados pelo provincial o foram escolher a uma boa meia legua de Portalegre, cujo sitio deu Gaspar de Sousa homem fidalgo desta cidade pelo amor de Deos sem interesse de sepultura ou padroado; e a capella-mór mandou fazer á sua custa João da Silva, commendador de Alpalhão. Toda a mais obra se fez de esmollas ordinarias offerecidas pelos moradores de Portalegre e dos vizinhos. Duraram ou estiveram alli 48 annos os frades até que no de 1570 foi a caza mudada para Portalegre, em virtude de deliberação tomada em capitulo celebrado em Villa Viçoza no anno de 1569 com o fundamento de não entrar alli o sol por cauza da serra que lhe está sobranceira. Jazem alli enterrados (além de outros) dois religiosos que deixaram fama de santidade, um era Fr. Thomé, natural de Portalegre, outro Fr. Pedro, do Souto. Eis o que consta da fundação desta egreja.» A festa esteve brilhante, com expozição do Sacramento até á tarde; teve muzica vocal e instrumental regida pelo Sr. Padre Benigno, muzico perfeito e insigne organista da Sé.

É chamada a festa das *Mordomas*. Não podemos averiguar donde lhe vem o titulo; o certo é que o prégador (que foi o Sr. Padre Serra um dos melhores de todo o districto) leu do pulpito 114 nomes das festeiras; e destas 53 são Marias.

Pelas 4 horas da tarde sahiu a procissão acompanhada de muita gente, indo na frente quatro homens armados fingindo ou figurando guarda militar, e mais de seis, hiam ao lado do pallio vestidos á camponeza, levando ao hombro espingardas, que disparavam de vez em quando.

Esta freguezia possue um dos parochos mais virtuozos que temos encontrado, por isso estimado de todos os freguezes. Desde o 1.º de junho de 1835 alli rege de propriedade a cadeira de ensino primario; e nos annos de 1837 e 1839 ensinou Grammatica Latina no Seminario desta cidade, e no seguinte tambem alli deu lições de Logica, Arithmetica e Geometria a pedido do governador e vigario capitular do Bispado, em cujo desempenho se houve de modo, que em Junho de 1842 foi elogiado ao governo, na conta que a commissão inspectora do ensino primario e secundario desta cidade, deu dos professores como se vê do extracto da mesma, cujo resumo é o seguinte: — «Passando ao conhecimento dos professores publicos de ensino primario, estabelecidos nas frequezias do Campo sugeitas a este conselho, direi que o professor da Senhora da Esperança na Ribeira de Niza, Antonio José, é benemerito pelos diferentes estudos que frequentou e o aproveitamento dos seus discipulos; e como parocho da mesma freguezia, é exemplar de bons costumes.»

Portalegre 27 de agosto de 1849.

FERREIRA.

EXPOSIÇÃO NA ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES.

168 Consta-nos que a Academia das Bellas-Artes promove, com toda a sollicitude, uma exposição de Bellas-Artes.

Tudo tem empregado e empregará para que esta exposição seja uma das melhores que se tenha visto entre nós.

Existe comtudo um grande inconveniente, que se oppõe a que a exposição se possa effectuar: e vem a ser, o estar occupada uma grande parte das salas, que ha-de servir na exposição, por um dos Batalhões do Commercio. Este objecto já está affecto ao digno Commandante dos Batalhões Nacionaes, o exm.º Sr. Marquez de Fronteira, e ha a esperar da illustração e zelo deste alto funccionario que removerá o mais cedo que poder este obstaculo, que é o unico que impede a exposição. Em vista disto, cedo vere-

mos uma brilhante exposição da Academia das Bellas-Artes.

* *

TREATRO DE S. CARLOS.

169 A épocha passada tivemos o gosto de quasi sempre elogiar a empreza deste theatro, porque a vimos andar por bom caminho. — Na presente épocha agoiramos-lhe muito máu futuro se não tratar quanto antes da organisar a companhia com *partes*, que, em logar, de se reduzirem á pertenção de satisfazerem a certas condições de um contracto, possam apparecer ante um publico intelligente.

Todas as estrêas desta épocha tem sido desgraçadas. Os artistas, que restavam da épocha anterior, não sendo optimos, são excellentes á vista dos que teem vindo.

O Sr. *Liverani* não tem voz nem figura para tenor do theatro de S. Carlos — ouvindo-lhe cantar o *Ernani*, ninguem poderá sustentar, que elle deva fazer parte da nossa companhia de canto.

A dançarina *Guidi*, figurando nos cartazes como primeira dançarina, sobre o palco, é inferior a todas as segundas bailarinas, que, ha tantos annos, forçadamente se mnemonisam na lembrança dos frequentadores do theatro.

O Sr. *Guidi*, como bailarino, domina com felicidade o volume do seu corpo, mas não se approxima no methodo de dança do Sr. Vianna.

Como compositor o Sr. *Guidi* não foi feliz na sua estrêa. A novidade do bailado consistiu em pôr musica marcial no palco. Quanto ao mais, os grupos do bailado eram velhos; e o effeito das fachas côr de rosa está muitissimo visto.

Entendemos que os dançarinos se pódem muito bem dispensar: — e fazemos estas avaliações relativamente, mas não absolutamente.

A Sr.ª *Marinangeli* possue methodo de canto, mas já não tem voz para um theatro de primeira ordem.

Na presença destas apreciações justissimas, perguntaremos á empreza — se ella julga satisfazer, com taes artistas, — não dizemos, as condições do seu contracto para com o governo — mas a obrigação, em que está para com os seus assignantes, que teem direito a uma épocha theatral, que seja digna de uma cidade como Lisboa.

Devemos fazer justiça ao publico, declarando que — elle, todos os dias, tem avaliado devidamente os *debutantes*, pateando-os sempre.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 26 de Dezembro.

170 Fundos publicos de 5 por cento, 54 por cento — Acções do Banco de Portugal, 440$000 réis. — Desconto de notas, 880 réis por moeda.

Cereaes em 26 de Dezembro.

Trigo do reino rijo . . .	de 350	a 450	réis	a bordo.
» » molle .	de 410	a 460	»	»
» da ilha.	de 325	a 380	»	»
Milho do reino.	de 220	a 225	»	»
» da ilha.	de 190	a 200	»	»
Cevada do reino.	de 190	a 200	»	»
» da ilha	de 170	a 180	»	»
Centeio do reino	de 210	a 215	»	»

PRAÇA DE LONDRES.

Em 15 de Dezembro.

171 Foram cotados os fundos publicos das differentes nações do seguinte modo:

FUNDOS INGLEZES.

Do Banco.		202	203	Por 100.
Consolidados.	3 p. %	Fechados.		
Redusidos	3 »	96¼	96⅝	»
Fundos	3¼ »	98	98⅛	»
Exchequer bills de Março . .		50	54	Premio.
» » de Julho . .		—	—	

ESTRANGEIROS.

Belgas	4½ »	86	88	Por 100.
Brasileiros.	5 »	88	89	»
Dinamarquezes	3 »	72	75	»
Hispanhoes	5 »	18⅞	19⅛	»
Ditos	3½ »	38½	39	»
Hollandezes	4 »	84½	85½	»
Ditos	2½ »	55¾	56¼	»
Mexicanos.	5 »	29⅞	30⅛	»
Portuguezes.	4 »	36	37	»
Ditos consolid. 1841.	—	35	36	»
Russos.	5 »	109	111	»

— Na mesma praça foram cotados os cambios para com as outras praças do modo seguinte:

CAMBIOS.

Lisboa.	53½		Por 1$000 rs.
Porto.	53½	54¼	»
Rio de Janeiro.	26¾	27	»
Paris	25 62½	67½	Lib.

EXPEDIENTE.

ESCRIPTORIO E TYPOGRAPHIA — RUA DOS FANQUEIROS N.º 82.

Correspondencia franca de porte — AO REDACTOR E PROPRIETARIO DA REVISTA UNIVERSAL.

Doze numeros . . . . . $600 réis.
Vinte quatro ditos . . . . . 1$200 »
Quarenta e oito ditos . . . . . 2$400 »

POR ASSIGNATURA sahe cada numero a 50 réis: *avulso* 80 réis.

A Redacção annunciará, e, convindo, analisará qualquer publicação estrangeira ou nacional, que lhe seja remettida. O annuncio se fará na parte bibliographica. Quando assentar que o não deve fazer, restituirá a publicação de que não der noticia.

Além dos artigos assignados pelo Redactor, todos os artigos não assignados pelos collaboradores ou marcados, pertencem á Redacção.